

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright da edição brasileira © Editora 34, 2004

*La Peinture* © Larousse, 1995

*La Peinture* © Larousse, 2004

*Ouvrage publié avec le concours du Ministère français  
chargé de la culture — Centre National du Livre.*

Obra publicada com o apoio do Ministério francês  
encarregado da cultura — Centro Nacional do Livro.

**A fotocópia de qualquer folha deste livro é ilegal e configura uma  
apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.**

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Bracher & Malta Produção Gráfica*

Revisão da tradução:

*Iraci Poleti*

*Jo Amado*

1ª Edição - 2004

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro  
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Lichtenstein, Jacqueline (org.)

L696p A pintura — Vol. 5: Da imitação à expressão /  
organização de Jacqueline Lichtenstein; apresentação  
de Jean-François Groulier; coordenação da tradução de  
Magnólia Costa. — São Paulo: Ed. 34, 2004.  
144 p.

ISBN 85-7326-315-6

1. Artes plásticas - Pintura - Crítica e história.  
I. Groulier, Jean-François. II. Costa, Magnólia.  
III. Título. IV. Série.

CDD - 750.1

*La Font de Saint-Yenne*  
(*séc. XVIII*)

Reflexões sobre algumas causas  
do atual estado da pintura  
na França  
(1747)

Existe muito pouca informação sobre aquele que foi o verdadeiro criador de um novo gênero literário: a crítica de arte. Ignoram-se mesmo as datas de seu nascimento e de sua morte. Admirador da grande pintura francesa do século de Luís XIV, amigo de Lemoyne, La Font de Saint-Yenne teria igualmente morado em Flandres e na Holanda. Além da invenção da crítica de arte, também se devem a ele idéias muito inovadoras em matéria de urbanismo e, particularmente, no que se refere à conservação e exposição do patrimônio nacional. Em 1746, La Font de Saint-Yenne escreveu um livro no qual analisava os quadros expostos no salão do mesmo ano: *Réflexions sur quelques causes de l'état présent de la peinture en France*. Antes, já haviam sido publicadas, às vezes, algumas críticas a propósito de obras expostas, mas essas *Reflexões* deram ao gênero seus títulos de nobreza, ao proclamarem oficialmente o direito à crítica. Todo mundo, dizia o autor, tem "o direito de fazer seu julgamento". Ele definia sua atividade como "a crítica de um espectador desinteressado e esclarecido que, sem manejar o pincel, julga por um gosto natural e sem uma atenção servil às regras". Apesar dessa apresentação em termos comedidos, La Font de Saint-Yenne julgou os quadros expostos com seu "gosto natural", isto é, com uma lucidez e uma liberdade de espírito que provocaram o ressentimento dos pintores oficiais. Um mero cidadão particular ousava publicar o que pensava das obras mais celebradas pelo gosto da época. Os acadêmicos fizeram pressões

junto às autoridades para que fosse proibido esse gênero de escritos. É verdade que La Font de Saint-Yenne escreveu, a propósito dos quadros de Natoire: "Suas tonalidades das cores da pele são ainda mais fracas e conformes ao gosto mesquinho da moda, muito luminoso, mas, na verdade, também muito insosso. Atualmente, é essa a tônica geral de quase todas as nossas produções, tanto nas letras como na pintura: tudo nelas tem a cor das rosas e dura tanto quanto elas". Essas afirmações podem parecer moderadas nos dias de hoje, embora a ironia seja perceptível. No entanto, foram recebidas como uma forma de arrogância insuportável, o suficiente para desencadear uma pequena guerra que durou alguns anos e teve o mérito de incentivar outros autores a também escreverem obras críticas. A audácia de La Font abriu uma brecha nessa muralha de certezas e de auto-satisfação que era então o mundo da Academia de pintura. Lucidez de julgamento, talento literário, vontade de independência, um gosto, com freqüência, muito seguro, coragem diante de uma instituição imponente, a obra fundadora desse autor é a síntese das qualidades que fazem o crítico e nas quais Diderot iria se inspirar.

Bibliografia: André Fontaine, *Les doctrines d'art en France, de Poussin à Diderot*, Paris, Laurens, 1909; Roland Desné, "La Font de Saint-Yenne précurseur de Diderot", *La Pensée*, 1960; Baldine Saint-Girons, *Esthétiques du XVIIIe siècle, le modèle français*, Paris, Philippe Sers, 1990.

Os espelhos, cujos efeitos narrados entenderíamos como um conto de fadas e uma maravilha muito além das nossas crenças se sua realidade não tivesse se tornado tão familiar para nós, os espelhos que formam quadros em que a imitação é tão perfeita que se iguala à própria natureza devido à ilusão que produz em nossos olhos; os espelhos, bastante raros no século passado, mas extremamente abundan-

tes no nosso, deram um golpe funesto na arte e foram uma das principais causas de seu declínio na França, banindo os grandes temas de história, que fizeram seu triunfo, dos locais dominantes, e apossando-se da decoração dos salões e das galerias. Confesso que as vantagens dos espelhos, que são prodigiosos, mereciam por muitos motivos os favores que a moda lhes conferiu. Trespassar paredes para aumentar os aposentos, acrescentando-lhes algo novo; diminuir a intensidade dos raios de luz que recebem, seja do sol, seja das lâmpadas: como poderia o homem, inimigo nato das trevas e de tudo que pode causar tristeza, deixar de amar um ornamento que alegra e ilumina e que, enganando seus olhos, não o engana no agrado real que proporciona? Como poderia o homem preferir as belezas ideais da pintura, freqüentemente sombrias, cujo prazer depende apenas da ilusão, à qual é preciso se prestar, e que não afetam o grosseiro nem o ignorante? [...]

Volto aos principais quadros de história segundo sua ordem de grandeza e posição.

No fundo do salão, do lado da escada, vêem-se dois quadros grandes em cima de umas portas de forma figurada, que os operários chamam inapropriadamente de chancelarias. Esses quadros, que formam um par e são destinados ao Gabinete de Medalhas da Biblioteca do Rei, são do sr. Boucher, que tem boa reputação, e representam a *Eloquência* e a *Astronomia*. O arranjo é agradável, o tecido, sofisticado e leve, em tons variados e muito bem contrastados. Entretanto, seria difícil adivinhar que se trata da eloquência apenas pela fisionomia da figura que a representa, que é extremamente fria e sem personalidade. Que fiasco! Quanta veemência deveria nos impressionar nos traços que anunciam essa arte tão poderosa que subjuga os espíritos e mobiliza as paixões a seu bel-prazer! Esperaríamos que as tona-

lidades da pele tivessem um colorido mais forte e vigoroso, que a expressão dos rostos tivesse mais nobreza e sentimento, sobretudo nos das virgens, e que tivessem algum vestígio da dignidade e decência das virgens de Rafael, Carracci, Guido Reni, Carlo Maratta, Le Brun, Poussin, Mignard etc., que têm todas um caráter nobre e piedoso sem que pareçam iguais. Também lhe pediríamos um pouco mais de verdade e naturalidade nas atitudes, sobretudo das crianças ou dos gênios que em geral acompanham seus temas, as quais são, na maior parte das vezes, invertidas, violentas, o que é desnecessário e desprovido de beleza. O público tem mais ou menos a mesma opinião acerca dos quadros do sr. Natoire, cujas tonalidades de pele são ainda mais fracas e conformes ao gosto mesquinho da moda, muito luminoso, mas, na verdade, também muito insosso. Atualmente, é essa a tônica geral de quase todas as nossas produções, tanto nas letras como na pintura: tudo nelas tem a cor das rosas e dura tanto quanto elas. No Salão, vêem-se dois pequenos quadros do sr. Natoire que representam, um, a união da pintura e do desenho, e outro, a da poesia lírica e da música; há harmonia e fineza de pincel nesses dois quadrinhos cujos temas são muito apropriados para o gabinete de um conhecedor delicado como o sr. De Julienne, para o qual foram feitos. Porém, como é impossível conceber a pintura sem o desenho, já que essas duas noções são inseparáveis, esperar-se-ia que sua companhia fosse menos trivial, e que não se encontrasse sempre a mesma coisa em todos os quadros, em todos os lintéis de porta, em todos os brasões, antigos e modernos, e, principalmente, em todos os frontispícios gravados nos livros que tratam de pintura. Mas a maioria de nossos pintores é pouco inventiva, pois são poucos os estudiosos e raros os leitores; a ignorância é filha da preguiça e companheira predileta da mediocridade. Inimiga da emu-

lação, ela limita os talentos e deixa tranqüilamente a glória da invenção aos rivais laboriosos, contentando-se em ras-tejar obscuramente entre a multidão de plagiadores de pen-samentos alheios, semelhantes àqueles animais idiotas que não ousam desviar-se das pegadas deixadas pelos que os precederam. Não foi assim que Rafael, Poussin, Rubens, Le Brun, Le Sueur e tantos outros adquiriram o título de gran-des homens e a imortalidade em sua profissão; todos eles foram amantes do saber. Suas obras são livros abertos a to-das as nações e nelas tudo é instrutivo: nenhuma circuns-tância necessária ao tema é omitida e suas palavras, que se fazem ouvir aos olhos, muitas vezes penetram mais profun-damente na alma que os escritos mais eloqüentes.

No quadro *Alexandre corta o nó górdio*, do sr. Restout, elogiou-se a composição e a beleza de alguns pormenores. Embora não se esperasse que um tema tão frio e difícil de tratar despertasse interesse, desejava-se, contudo, encontrar mais variedade e atrativo na cor local. O número e a gran-deza das obras em que esse hábil pintor brilhou elevaram seu nome acima dos elogios, seja pelos caminhos sábios que ele soube trilhar nas obras de grande escala, nas quais os erros são muito perceptíveis, seja nas expressões novas e elo-qüentes que concebeu para temas comuns, aparentemente esgotados. É o caso da tela *Virgem com o menino Jesus* na igreja do seminário das Missões estrangeiras, na qual a Vir-gem foi representada numa atitude de adoração à Santíssima Trindade tão elevada e sublime que espanta o especta-dor, infundindo-lhe uma santa veneração por esse mistério. Uma composição tão cristã e esclarecida como essa parece ser obra de alta piedade e profunda meditação. Um gran-de pintor<sup>1</sup> disse que seria desejável que todos os quadros de

<sup>1</sup> Refere-se aqui a Paolo Veronese (1528-1588).

igreja fossem excelentes e patéticos; chamava-os de prega-dores mudos, pois frequentemente causam mais impressão do que as palavras. Na vida dos santos e na de vários pin-tores encontram-se exemplos<sup>2</sup> dessa verdade.

Fonte: La Font de Saint-Yenne, *Réflexions sur quelques causes de l'état présent de la peinture en France, avec un examen des prin-cipaux ouvrages exposés au Louvre le mois d'août 1746*, Haia, Neaulme, 1747.

<sup>2</sup> São Gregório de Nissa, no quadro *O sacrifício de Abraão* (nota de Saint-Yenne).